

DÍVIDA: ^{Externa} ACORDO ESTÁ PRONTO.

E nos termos desejados pelo Brasil. Está prevista a ida ao FMI, mas sem vinculação com o acerto.

Uma fonte brasileira em Nova York informou ontem à noite que o acordo com o comitê de bancos credores está praticamente fechado e, segundo deu a entender, nos termos desejados pelo Brasil, isto é, prevendo a ida ao FMI, mas só depois do compromisso de reescalonamento e sem nenhuma vinculação com o acerto da dívida. Às 22 horas de ontem (19 horas em Nova York), Fernão Bracher e seus assessores estavam nos escritórios da firma Arnold & Porter, estudando com o advogado do Brasil, William Rogers, o texto final do documento. Ele não estabelece que taxas o País pagará pelo empréstimo que os bancos depositarão no BIS (Banco de Compensações Internacionais): isso só será acertado no acordo definitivo que será firmado no próximo ano.

Dali, Bracher se encaminharia em seguida ao edifício do Citicorp Center, onde o aguardavam os integrantes do comitê dos bancos.

Os banqueiros do comitê credor do Brasil estiveram reunidos desde 10h30 da manhã de ontem no Citicorp Center, mas sem a presença dos negociadores brasileiros. Fernão Bracher, o enviado especial do ministro Bresser Pereira às negociações, esperava, nos escritórios de advocacia Arnold & Porter, uma convocação para juntar-se aos banqueiros, encerrando as negociações, em seu 18º dia.

Para Bracher, as negociações poderiam até terminar ontem mesmo, "mas muito apertadas". Às 8h da noite no Brasil (5 horas da tarde em Nova York), ele recebeu os documentos enviados pelos credores. Bracher, que tem reservas nos vãos de hoje e amanhã para o Brasil, não quis indicar o que discutiram os banqueiros, na reunião que durou o dia inteiro. Mas ficaria de plantão mesmo durante a madrugada, se o encontro fosse adiado.

The Wall Street Journal lembrava ontem o contencioso da informática, entre os EUA e o Brasil, que a qualquer momento poderá resultar na aplicação de represálias contra produtos comerciais brasileiros. O jornal anunciou que a retaliação recairia sobre a área de sapatos, têxteis e aviões, num total de US\$ 100 a 150 milhões. Mas uma fonte assegurou ontem que nada deve acontecer "por enquanto", como ficou decidido na reunião do Conselho de Política Econômica da Casa Branca, no mês passado. E a explicação é simples: o secretário do Tesouro, James Baker, não quer criar um clima impossível para a conclusão das negociações sobre a dívida brasileira. (Veja mais detalhes ao lado.)

A negociação da dívida entrou numa nova fase, final, como se antecipava há alguns dias. E isso quer dizer que os problemas que existiam, como o texto de uma cláusula sobre as relações do Brasil com o FMI, ou a decisão sobre o tempo pelo qual a dívida vai ser reescalada, foram resolvidos.

O porta-voz do comitê credor, que há dias procura o rascunho do comunicado final, entrou nos escritórios de advocacia Sherman & Sterling por volta das 15 horas, dizendo que voltaria para falar com a imprensa em dois minutos. Passaram-se mais de duas horas, e ele não voltou. O porta-voz disse que estava pessimista quanto à divulgação de um comunicado, lembrando, porém, que o da Argentina, por exemplo, foi divulgado à 1h15 da manhã.

Moisés Rabinovici, de Nova York